

Forma, construção e significado – nótula sobre gramaticalização e analogia

Maria Teresa Brocardo

Abstract: In some grammaticalization studies, the relevance of 'constructions' has been emphasized (e. g. Traugott 2003) and, more recently, the relation between grammaticalization and construction grammar frameworks has been discussed (Noël 2007). Section 1 presents a very brief review of these topics and in sections 2 and 3 I try to explore two different cases of grammaticalization in Portuguese – the Romance synthetic future and the constructions with 'have' and 'be' + PP > compound tense. My purpose is to hypothesize on differences in what concerns the role of relations between parallel constructions as analogical motivation for grammaticalization processes.

Em trabalhos (relativamente) mais recentes sobre gramaticalização, tem-se enfatizado a importância de considerar o processo de 'recrutamento de material gramatical a partir de material lexical' como implicando de algum modo a noção de construção. Embora a ideia não seja de todo nova, os pressupostos e implicações de considerar a gramaticalização de construções além de / em vez de itens lexicais têm sido amplamente debatidos e explorados por autores de referência na área (Traugott 2003 é exemplo paradigmático). O desenvolvimento deste tipo de questões veio também a motivar discussões sobre a relação entre teorias ou, talvez melhor, enquadramentos de estudo, diferenciados, a saber, gramaticalização e gramática de construções (Noël 2007).

A apresentação propõe como hipótese de trabalho (muito) preliminar uma

abordagem do processo de gramaticalização de construções do português com *haver / ter* + PP, insistindo na ideia, já formulada em trabalhos anteriores (p. ex., Brocardo 2009), de uma motivação analógica do referido processo, desencadeado pela co-ocorrência de construções formalmente paralelas, já plenamente gramaticalizadas na expressão de valores têmico-aspectuais (perífrases com formas derivadas de ESSE + PP).

1. Introdução – Gramaticalização de uma 'forma' ou de uma 'construção'?

A definição canónica de 'gramaticalização' corresponde a

(1 item) *lexical* > *gramatical*

mas os exemplos típicos apresentados na literatura para ilustrar este tipo de processos envolvem necessariamente não os itens lexicais isolados, mas sequências morfossintáticas, ou 'construções,' como há muito foi

notado, o que pode ser aferido, aliás, confrontando, por exemplo, a definição de gramaticalização de Hopper & Traugott (2003²: xv):

«the process whereby lexemes and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions». (sublinhados meus)

Neste tipo de definições, o termo 'construção' é usado de forma até certo ponto pré-teórica, tal como assumido em Traugott (2003: 625), no sentido em que não implica a noção instituída na gramática de construções (GC). Este modelo, desenvolvido inicialmente em abordagens de carácter essencialmente teórico e / ou descritivo sincrónico, ao contrário da gramaticalização (GZ), tem mais recentemente desenvolvido propostas de uma GC 'diacrónica'. A questão da possível relação entre as duas abordagens, nomeadamente a possível integração das duas perspectivas ou quadros, foi recentemente objecto de reflexão em Noël (2007), que discute a possibilidade de a GZ (na acepção de área de estudo) poder simplesmente tornar-se a vertente diacrónica da GC, ou se, pelo contrário, tem razão de ser uma GC diacrónica, como um quadro independente.

Nas definições 'clássicas' de gramaticalização, esta é definida como incidindo sobre a 'palavra' ou o 'morfema' (em, respectivamente, Meillet 1912 e Kurylowicz 1965. Cf. Noël 2007: 3), mas explicitações posteriores da natureza do processo tendem a incluir e mesmo a enfatizar a ocorrência destas 'formas' (designação minha) em construções contextualizadas de forma específica, ou seja, 'construções'. Cf., por exemplo:

«Grammaticalization is a process leading from lexemes to grammatical formatives. A number of semantic, syntactic and phonological processes interact in the grammaticalization of morphemes and of whole constructions. (Lehmann 2002²: vii)

«... the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions». (Hopper & Traugott 2003²: 18) (sublinhados meus)

A questão é que enquanto para a GZ a noção de 'construção' refere, por contraste com 'palavra', 'item lexical' ou 'morfema', uma sequência (designação que aqui uso de forma propositadamente neutra) que inclui mais do que uma palavra, na GC palavras e morfemas são já, por

definição, 'construções', visto que estas podem, na teoria, ser complexas ou atômicas.

2. Um exemplo clássico – o futuro românico

Retomo aqui um dos mais citados exemplos de gramaticalização, o do chamado futuro românico, correspondendo, esquematicamente, a:

V-INF + *habere*-PRES > (...) > futuro sintético
cantare habeo > (...) > *cantarei*
[Cf.: *cantare debeo, cantare volo...*]

Perante este exemplo, será mais apropriado sustentar que houve gramaticalização de um dado item (*habere*) numa construção particular, ou que uma construção (V-INF + 'modal') gramaticalizou quando nele ocorria um item lexical particular? Em qualquer caso, o processo teve o duplo efeito de cisão (*split*) entre, por um lado, as diferentes instâncias de *habere* e, por outro, as diferentes 'construções' correspondentes a V-INF + 'modal'-PRES, visto que estas seriam, supostamente, de algum modo formal e semanticamente paralelas em latim (vulgar).

Mas poder-se-ia ainda considerar aqui um outro aspecto diacronicamente relacionado, e que virá constituir um

elemento pertinente para uma análise mais abrangente deste processo (representando pois, num certo sentido, uma complicação adicional). Em português (como em outras áreas da România), coexistem com as formas gramaticalizadas de futuro sintético (*cantarei*) perífrases com *haber* + *de* / *a* / Ø) + INF (*hei de / a / Ø cantar*). Vejam-se os exemplos seguintes, que pretendem ilustrar esta competição de formas, assinalável desde o período mais antigo atestado da história da língua, para a expressão de valores de tempo e modalidade:

1. *E feze les <ta qua> agudas quales aqui ouirecdes* (NT c.1214)
2. *Senhor os que aqui estã oie este dia uos farã ue~cer ou hy todos prenderemos morte*. (LLC fin. séc. XIV)
3. *E nõ dultedes que pela sua uertude. e por os boos fidalgos uosos naturaaes que aqui teedes Auedes de ue~cer estas lides. e uos auedes de ue~cer primero*. (LLC fin. séc. XIV)
4. *Senhores este he o noso dia e~ que auemos d'escrarecer*. (LLC fin. séc. XIV)
5. *E este he o dia e~ que auemos semelhar nosos auoos que gaanharõ a espanha*. (LLC fin. séc. XIV)

Uma suposta integração da noção de construção em GC na área da GZ pressuporia incluir, além dos processos já claramente definidos neste quadro (e largamente testados empírica e

teoricamente), outros processos cujo estatuto não é consensualmente aceite em diferentes abordagens desenvolvidas nesta área de estudos, como fixação da ordem de palavras, criação de padrões abstractos (de ordem de palavras ou morfemas, por ex.).

Isto poderia levar a uma excessiva generalização do conceito de gramaticalização, que equivaleria a 'mudança gramatical' em geral, incluindo processos analógicos, reanálise e mesmo mudanças originadas por contacto de línguas.

A meu ver, isto seria indesejável, tal como parecem geralmente pouco produtivas as propostas de excessiva generalização de conceitos, como Hock (2003) sobre a analogia. Deixo aqui apenas esta brevíssima nota, e nem sequer afloro as implicações de sentido inverso, ou seja, uma hipotética integração das abordagens desenvolvidas em GZ na GC (sobre a questão, v. Noël 2007, que também não me parece ser perfeitamente conclusivo sobre este aspecto).

3. Gramaticalização e analogia (a propósito de *haver, ter* e < (lat.) *esse* + PP)

Um dos tópicos recorrentes em GZ é o da relação deste tipo de processos com

«the mechanisms by which grammaticalization takes place: reanalysis, primarily, and analogy, secondarily.» Hopper & Traugott (2003: 32).

Esta minha nóttula incidirá apenas no segundo, sobre o qual Lehmann (2005: 159) defendeu que só em certos casos

«analogy directs the course of grammaticalization».

Como exemplo, refere este A. justamente o mesmo exemplo a que antes fiz referência, o do futuro românico, considerando a gramaticalização em «conjugation suffixes» das formas de *habere*. Neste processo, de acordo com a sua análise, a evolução de seqüências do tipo *cantare habeo*, em latim, para *cantarei, chanterai*, etc., em romance, em vez da seqüência verbal coexistente do tipo *habeo cantare*, foi coadjuvada pelo modelo analógico de categorias de tempo / aspecto / modo expressas na posição pós tema verbal. Em casos deste tipo, a relação analógica teria sido necessária para motivar o percurso específico do processo de gramaticalização envolvido, embora não a gramaticalização de verbo de 'posse' em marcador de categorias verbais. Além disso, defende que a motivação analógica está ausente em muitos outros processos, que caracteriza como «pure

grammaticalization» (ibid.)¹. Sendo assim, e levando mais longe as afirmações de Lehmann, a relação analógica que motiva a mudança, ou que actua como seu factor condicionante:

- opera ao nível da 'construção' –
tema verbal + categoria verbal
- mas não ao nível da 'forma' –
habere (exprimindo 'posse') > ... >
categoria verbal

Em contrapartida, Fischer (2008: 341), que se demarca do 'main-stream' da GZ, concordando com autores que a consideram um epifenómeno, sugere que os estudos da área ignoraram em larga medida as relações que se estabelecem em cada momento de funcionamento da língua entre diferentes construções, relações essas que poderão estar na base, ou motivar, as alterações operadas.

A propósito da análise dos dados da diacronia do português que poderão evidenciar diferentes fases do processo de gramaticalização de construções com *haver* / *ter* + PP, e de certo modo inspirada em algumas observações desta autora (sem, no entanto, aderir a

muitas das suas análises), procurei mostrar em trabalhos anteriores (Brocardo 2009b e 2009c) que os estudos a desenvolver necessariamente incluirão, além de outros aspectos, dados relativos a construções formal e semanticamente paralelas. Assim, haverá que considerar, além das atestações de *haver* / *ter* + PP, procurando analisar finamente os seus diferentes funcionamentos, as ocorrências de formas derivadas de *esse* latino² + PP que constituem tempos verbais compostos em fases passadas da língua. O principal argumento é que, sendo estas a continuação formal de estruturas já existentes em latim, ocorrem desde os textos mais antigos plenamente gramaticalizadas, concorrendo, para os verbos inacusativos, com as formas verbais sintéticas, por exemplo de perfeito e mais-que-perfeito, na marcação dos mesmos valores ou de valores muito próximos. Cf.:

6. - *Amigos, nos somos chegados acerca de
Çepta, segundo me estes nossos
guiadores tem dito. Eu nõ ey pera que vos*

¹ Retomo aqui observações já feitas em trabalhos anteriores, como Brocardo 2009a e 2009b.

² Geralmente designadas formas de *ser*, mas como correspondem a formas que não derivam de *sedere* prefiro identificá-las deste modo.

dezer a fim pera que aquy sões vindos
(ZCPM fin. séc. XV)

7. *pois de vos dezer a fim pera que aquy viemos he sobejo de vo-lo agora comtar.*
(ZCPM fin. séc. XV)

A hipótese seria, portanto, de que este tipo de construções poderia ter funcionado como condicionamento analógico da gramaticalização de *haver / ter* +PP em formas de tempo composto, a partir de construções que, inicialmente, não tinham esse valor. Ou seja, teria existido uma relação analógica entre as construções com < *esse* e com *haver / ter* motivadora do processo de gramaticalização das segundas (como Lehmann 2005 sugere para o exemplo do futuro românico, embora nesse caso possivelmente a um nível mais abstracto).

Um outro aspecto, essencial para a análise diacrónica, que tanto necessita de sustentação empírica para a descrição adequada das mudanças, é de que, uma vez que as formas com < *esse* + PP não tiveram continuidade em português, ao contrário do que aconteceu com outras línguas românicas, a extensão das construções com (*haver*) / *ter* a verbos inacusativos (v. o exemplo 8) poderá constituir um dado decisivo para o estabelecimento da cronologia da gramaticalização

plena de *haver / ter* +PP em formas de tempo composto.

8. *E tres ou quatro dias antes tinha chegado de Bungo o Irmão Ayres Sanches* (Frois, Historia do Japam 1 (Davies & Ferreira) 1560-1580)

Não há conclusões

A minha nótnula termina sem verdadeiras conclusões, como é característico deste 'género'. Em síntese, procurei lançar alguns dados para discussão: sobre que unidade, afinal – forma ou construção – incidem os processos de gramaticalização? Será a alternativa indiferente (em termos teóricos, a definir apenas casuisticamente), ou poderá relacionar-se com outros dados? A saber, poderá considerar-se que a relação entre 'construções' formalmente paralelas constitui o condicionamento preferencial para uma relação analógica motivadora de mudança por gramaticalização? Poderá, neste caso, relacionar-se com a distinção proposta por Lehmann (2005: 159) entre processos de gramaticalização analogicamente motivados e outros de «pure grammaticalization»?

A procura de respostas a questões deste tipo tem implicações óbvias em termos metodológicos no tipo de

estudos habitualmente desenvolvidos em diacronia. Passa necessariamente por estudos mais aprofundados de dados de uma 'mesma sincronia', o que nem sempre é exequível em períodos menos documentados das histórias das línguas, prendendo-se quer com a representatividade quantitativa quer qualitativa das fontes disponíveis. Haverá, pois, que procurar algum equilíbrio entre 'macro' e 'micro' análises, ou seja, entre:

- análises em que se possam contrastar diferentes fases de um processo diacrónico, o que implica muitas vezes considerar um âmbito cronológico muito alargado, e poderá implicar alguma simplificação das descrições, se não mesmo a idealização dos dados;
- análises muito detalhadas e finas, necessariamente incidindo num volume não excessivamente grande de dados, com base em fontes previamente tratadas de forma a garantir a respectiva fiabilidade.

Referências

Brocardo, M. T. (2009a) Ainda a analogia (notas em torno da adequação descritiva e valor explicativo do conceito de analogia em linguística histórica). In: Soares, M. L. C. *et al.* (eds) *Expressões da Analogia / Expressions of Analogy. Actas / Proceedings*. Lisboa: Colibri, pp. 185-192

Brocardo, M. T. (2009b) Formas e Construções do Português – Um programa de trabalho. In: Werneck dos Santos, L. *et al.* (orgs.) *Anais do XV Congresso da Assel-Rio. Linguagens em diálogo: Pesquisa e ensino na área de Letras*. Faculdade de Letras da UFRJ. Publ. em CD-Rom

Brocardo, M. T. (2009c) Nótulas históricas – uma (re)leitura de Campos (2000). In: Brocardo, M. T. (org.) *Cadernos WGT - Ler Campos*. Lisboa: CLUNL, pp. 13-18

http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/lercampos_tb.pdf

Fischer, O. (2008) On analogy as the motivation for grammaticalization. *Studies in Language* 32/ 2, pp. 336-382

Hock, H. H. (2003) Analogical Change. In: Joseph, B. D. & R. D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell, pp. 441-460

Hopper, P. J. & E. C. Traugott (2003²) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press

Kuryłowicz, J. (1965) The evolution of grammatical categories. *Diogenes* 51, pp. 55-71

Lehmann, C. (2002²) *Thoughts on grammaticalization*. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität (ASSidUE, 9)

Lehmann, C. (2005). Theory and method in grammaticalization. *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 32/2, pp. 152-187

Meillet, A. (1912) L'évolution des formes grammaticales. *Scientia* 12 / 26, 6

Noël, D. (2007) Diachronic construction grammar vs. grammaticalization theory. *Functions of language* 14/ 2, pp. 177-202

Traugott, E. C. (2003) Constructions in grammaticalization. In: Joseph, B. D. & R. D. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell, pp. 624-647

Davies, M. & M. Ferreira (2006-) *Corpus do Português*
<http://www.corpusdoportugues.org>

Fontes dos exemplos

(LLC) Brocardo, M. T. (2006) *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV)*. Lisboa: IN-CM

(NT) Cintra, L. F. L. (1990) Sobre o mais antigo texto não-literário português: a 'Notícia de Torto' (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico). *Boletim de Filologia* 31, pp. 22-77

(ZCPM) Brocardo, M. T. (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa: FCG / JNICT